

ENTREVISTA | MARCIO FRACCAROLI

DISTRIBUIDOR, PRODUTOR E DIRETOR GERAL DA PARIS FILMES

‘Meu trabalho é tirar ingresso dos americanos’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Se os números do cinema brasileiros, em 2026, andam mal das pernas, Marcio Fraccaroli há de seguir tentando até a nossa andança pelo circuito exibidor atingir aquela firmeza que milhões de ingressos vendidos – e se possível por mais de um título ao ano – asseguram ao audiovisual deste país. Ele é craque nisso.

Distribuidor de fenômenos nacionais a granel (sobretudo desde a parceria que travou com a Downtown Filmes de Bruno Wainer) até passar a produzir os seus próprios longas-metragens, ele fez “A Saga Crepúsculo” (2008-2012) virar uma febre por aqui e repetiu a dose com “John Wick”. Tem um Jason Statham inédito (“Código: Vingança”) no gatilho para lançar em 10 de setembro, mas não largar mão das brasilidades.

O potencial arrasa-quarteirão “Minha Melhor Amiga”, com Ingrid Guimarães e Monica Martelli, é dele. Sua ida ao Festival de Gramado, para promover “Antártida” e “Feito Pipa”, provam que nosso cinema pode, ainda, ser a maior diversão. É o que ele explica neste papo, na Serra Gaúcha.

O que representa, para a Paris Filmes, a parceria com o Estúdio Globo e a chegada de “Antártica” a Gramado?

Marcio Fraccaroli - “Antártica” vem a Gramado para começar a campanha de divulgação do filme, que estreia em 17 de setembro. Mas queremos também que Gramado tenha a luz de toda essa estrutura midiática da Globo, que pode levar o filme ao Jornal Nacional e a outros espaços que nenhum de nós conseguimos controlar, dado o alcance infinito da televisão entre o povo brasileiro. Para mim, “Antártica” representa uma tentativa de procurar um gênero que não tenho na minha carteira de lançamentos. A Globo é uma grande parceira nessa busca por gêneros novos para o cinema. Quando falamos Globo, estamos falando do Estúdio Globo, de uma estrutura que também está disposta a correr riscos e fazer coisas não óbvias. Hoje, não existe lugar seguro no mundo. O que funciona são histórias que param de pé, conectam o público e proporcionam uma experiência cinematográfica.

A Paris Filmes está hoje em Gramado, no Festival do Rio e na Mostra de São Paulo, além de ter ampliado sua atuação internacional. O que a empresa representa atualmente no mercado e quais foram as principais transformações dos últimos anos?

Somos, há muitos anos, a maior empresa independente do

mercado de distribuição no Brasil. Hoje, somos também distribuidores de filmes internacionais em toda a América Latina. A Paris Filmes está no México, no Chile, na Argentina, no Peru e na Colômbia. Foi um movimento natural dos produtores, que não queriam mais vender direitos mercado a mercado. Para continuar tendo grandes projetos independentes, de orçamentos grandes, como “Jogos Vorazes” e “John Wick”, fui praticamente obrigado a me associar a distribuidores locais. Hoje, somos controladores desses mercados por distribuição. Fisicamente, estamos no México, no Chile, na Argentina e no Brasil, mas São Paulo coordena toda a operação. Por exemplo, estamos coordenando a vinda de Mel Gibson para o trabalho de divulgação de “Ressurrection” (a sequência de “Paixão de Cristo”).

A Paris também passou a investir de maneira mais direta na produção brasileira. O que levou a empresa a entrar nesse campo?

Quando comecei a participar mais do cinema nacional, percebi que havia um descompasso muito grande entre produtores que queriam fazer filmes para circular em festivais pelo mundo e distribuidores interessados em fazer receita no Brasil. Eu queria produto para o mercado brasileiro. “Cidade de Deus”, os filmes do Walter Salles e do Kleber Mendonça Filho são exceções que conseguem equalizar essas duas vontades. Então resolvi empreender. Começamos



Paula Melo

“Hoje, não existe lugar seguro no mundo. O que funciona são histórias que param de pé, conectam o público e proporcionam uma experiência cinematográfica”

pequenos, com projetos infantis, como “Carrossel” e “Detetives do Prédio Azul”, para uma audiência que o cinema brasileiro não estava atendendo, depois de tudo o que Os Trapalhões e a Xuxa fizeram de importante, sobretudo para a seara infantojuvenil. Hoje, nossa casa

tem vocação para cinema e produz de dois a três longas por ano.

Que projetos estão nesse horizonte de produção?

Este ano vamos lançar “Minha Vida Com Shurastey”, de Diego Freitas. Temos ainda “As Dez Van-

tagens de Morrer Depois de Você”, com a Any Gabrielly e a Giulia Be. Estamos ainda em pré-produção de “Leonardo” sobre a história do cantor Leonardo.

E como a Paris equilibra esse investimento em filmes de mercado com obras de menor potencial comercial?

Continuamos sendo coprodutores ou distribuidores de projetos de que gostamos. No ano passado distribuí “Manas”, e vou lançar filmes como “Aroma de Pitanga”, produzido pela Vânia Cattani, com o Wagner Moura (baseado em “Gosto de Cereja”, que deu a Palma de Ouro a Abbas Kiarostami), e o novo filme da Anna Muylaert, o “Geni e o Zeppelin”. Também gosto de filmes que têm uma limitação menor de lançamento, porque fazemos cinema para cinema mesmo. Uma das coisas que mais me orgulha é continuar sendo cinéfilo nas minhas decisões. Recentemente comprei (o épico espanhol) “Bola Negra”, em Cannes. Fui assistir, gostei, falei com o produtor, ele aceitou minha oferta e comprei. Quando voltei ao escritório, contei para a diretoria. Ainda nem sabia o que faria com o filme, mas eu gostei dele. Que graça teria trabalhar com cinema se eu não pudesse continuar fazendo essas loucuras?

Você está há cerca de 30 anos na Paris e fala em competir pelo público com os grandes estúdios. Qual é o desafio que move sua atuação hoje?

Sou controlador da empresa hoje, e nosso desafio é ser a maior produtora de filmes de mercado no cinema brasileiro, em termos de bilheteria. Meu primeiro trabalho é competir no share (compartilhamento) de mercado. Eu sou louco para tomar ingresso dos americanos. Se o mercado vender 100 milhões de ingressos ou 10 milhões, meu trabalho é tirar ingresso deles. Tirar ingresso do “Homem-Aranha”, tirar ingresso de qualquer filme americano. É uma loucura falar isso, mas eu sou levado mesmo. O que dá resultado de verdade é “John Wick”, claro, mas por que não tentar também levar o público para filmes brasileiros em que acreditamos?

Qual foi o filme que fez você se apaixonar pelo cinema?

“Gandhi”

E qual é aquele filme a que você volta quando precisa reencontrar essa paixão?

“Meia-Noite Em Paris”.